

Aqui, o profissional fica por dentro do que acontece no mercado

>> NOVIDADE POR RODRIGO GERHARDT E MANOEL DE SOUZA

Grandes e saudáveis

Nova técnica de cultivo elimina o stress do transplante das plantas de grande porte e permite criar jardins mais exuberantes na hora

As plantas de grande porte dão um aspecto todo especial ao paisagismo, porém exigem cuidados especiais na hora de transplantá-las para o canteiro definitivo. Depois de passarem anos em um viveiro, o trauma da mudança para um novo ambiente faz que fiquem com aspecto prejudicado, folhas secas e falta de viço. "Muitas espécies sentem o transplante pela diferença de solo ou clima e têm recuperação lenta. Isso pode atrasar em até dois anos a formação do jardim", explica o paisagista e produtor Marcelo Novaes.

Para resolver o problema e ainda agregar valor à suas mudas, alguns produtores estão adotando um sistema de recuperação em que as plantas de grande porte são sangradas e depois aclimatadas em contêineres (potes, vasos ou sacos). Lá, a espécie recebe adubação especial para que suas raízes se recuperem e, só então, é comercializada (veja quadro na página à direita). Isso garante a total reabilitação da planta, que, depois de transplantada para o jardim, ao invés de ficar doente, acaba se

Viveiros como o Southeast Growers usam técnicas que deixam as plantas de grande porte saudáveis e prontas para serem levadas ao jardim

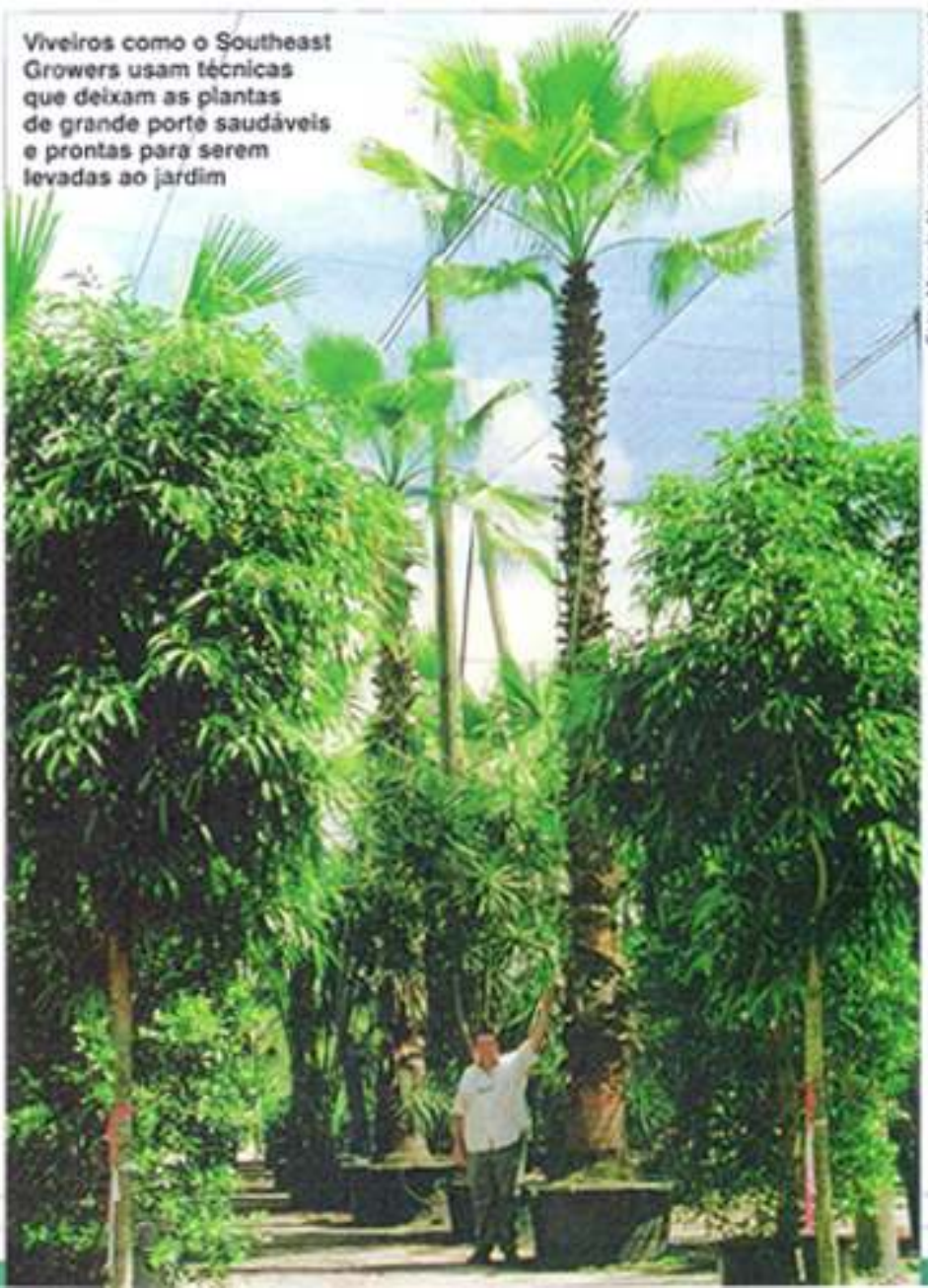


Foto: Marcelo Novaes/ingenuo pessoal

As etapas do Sistema Especial de Cultivo (SEC)

1 Plantio no solo: a muda ou semente é plantada da maneira mais correta possível, em clima ideal e solo com correção de pH.

2 Sangria: abre-se um buraco ao redor do tronco já desenvolvido e são podados cerca de 80% das raízes da planta. Em alguns casos, o buraco é fechado parcialmente com serragem; em outros, fica aberto. Essa fase dura de 30 a 60 dias.



3 Armazenamento provisório no contêiner: a planta é retirada do solo e recebe uma poda das folhas e dos galhos. Depois, é colocada em um contêiner do tamanho adequado para sua espécie, onde ficará em quarentena até recuperar todo o sistema radicular. O prazo médio varia de 90 a 180 dias. Alguns casos precisam de mais tempo.

4 Adubação especial: no período em que fica no contêiner, a planta recebe tratamento especial com adequação de pH, fertirrigações e adubações orgânicas e químicas. Com isso, a planta se recupera e fica retida na área do contêiner. Ao ser plantada no jardim, continua a se desenvolver e torna-se exuberante.

desenvolvendo com mais vigor.

Muitos viveiristas já conhecem e utilizam a sangria, a aclimação e a adubação especial, só que isoladamente e sem padronização. A novidade está em adotar todas as etapas no processo e personalizar o tempo e quantidade de adubos para cada espécie. "Já é comum a sangria e a aclimação das plantas, mas muitas vezes o sistema radicular ainda não está totalmente formado. É preciso ir além", diz Novaes. Ele e o especialista em palmeiras, **Moysés Abtibol**, batizaram o novo processo de

Sistema Especial de Cultivo (SEC), que possibilita aos viveiristas oferecer ao cliente uma planta de grande porte no auge da beleza e sem risco de perder o viço quando for transplantada.

COMO FUNCIONA

O SEC foi inspirado no *Root System*, um modo de cultivo que é praticamente padrão nos Estados Unidos e na Europa, onde há muita exigência pela qualidade das plantas. "Visitei viveiros nos Estados Unidos, como o Southeast Growers, na Flórida, onde aprendi técnicas de sangria e

fórmulas de fertirrigação que possibilitam o cultivo de plantas saudáveis de até oito metros de altura em contêineres, prontas para o jardim", explica Novaes.

O viveiro de Abtibol, o Horto das Palmeiras, adota o SEC desde

1992, baseado em técnicas observadas nos Estados Unidos. Como resultado, a empresa produz espécies tão vigorosas que suportam ser transportadas em longas viagens. Uma vez, por exemplo, chegaram a despachar palmeiras de 14 metros de altura para Manaus, sem que as plantas sofressem qualquer stress. "Adoto o SEC nas espécies mais interessantes e especiais. Nas mais simples, nem sempre é vantajoso agregar esse valor", explica Abtibol, cuja produção ultrapassa 100 mil mudas entre as 200 espécies cultivadas.

Apesar de as etapas do SEC serem as mesmas para a maior parte das plantas, é preciso que haja um alto grau de personalização de tempo, tipos e quantidades de adubos. Tudo varia de acordo com a espécie, a época de plantio e as condições climáticas. Por enquanto, não há literatura em língua portuguesa que traga detalhes sobre essa personalização. Tudo o que é feito se baseia ainda no conhecimento empírico dos poucos viveiristas que utilizam o SEC. "Para ajudar os interessados pelo sistema, pretendo lançar um livro com



As fertirrigações ajudam na recuperação do sistema radicular da planta

Com o sistema especial, plantas transplantadas mantêm o viço

detalhes das experiências que desenvolvemos nos últimos anos”, revela Abtibol.

PREÇO X QUALIDADE

O principal obstáculo para que o SEC se torne padrão no Brasil é o tempo necessário para as plantas ficarem no ponto de comercialização. Depois de cultivadas por vários anos, elas precisam permanecer por mais um tempo nos contêineres, cercadas de cuidados que acarretam custos de até 20% a mais do que nas espécies cultivadas de forma normal.

Outra limitação: o mercado brasileiro ainda não exige produtos diferenciados. Na hora de comprar as plantas do jardim, o menor preço acaba sendo o principal parâmetro entre os paisagistas, que são pressionados por orçamentos apertados. “Hoje poucos clientes pagam por plantas cultivadas no SEC porque desconhecem ou não entendem esse diferencial.

Quando usar o SEC

É bom que se diga que nem todas as plantas de grande porte precisam do SEC. Espécies como a palmeira-garrata (*Hypophorbe lagenicaulis*) e a palmeira-triângulo (*Dipsos decary*) dispensam esses cuidados e podem ser transplantadas diretamente do viveiro para o jardim.

Mas em algumas espécies mais delicadas, o SEC chega a ser essencial, como no caso da palmeira-azul (*Bismarckia nobilis*), que precisa ficar mais tempo nos contêineres do que outras plantas.



O viveiro Horto das Palmeiras adotou o SEC em boa parte da produção, principalmente das palmeiras mais nobres

Divulgação / Horto das Palmeiras

Além disso, o paisagista também não exige do fornecedor”, avalia Novaes.

Para a engenheira florestal e vice-presidente da Associação Paranaense de Paisagismo e Jardinagem (Apaflor), Diacuy de Mesquita Fialho Crema, o preço mais alto não deve ser impedimento para a venda, se o profissional souber explicar as vantagens para o cliente. “Após tanto investimento com projeto, substrato, iluminação e outros itens, é frustrante que o jardim fique com aparência de inacabado após a sua implantação. Essa preocupação com a qualidade é importante e pode contribuir para a

profissionalização dos outros produtores”, avalia Diacuy.

Apesar das limitações atuais, procedimentos como o SEC devem ser padrão no futuro para o cultivo de plantas de grande porte, já que as “catadas” – aquelas espécies compradas de particulares, já formadas, com dezenas de anos de idade e revendidas depois – tendem a acabar. “Quem não tomar os cuidados no cultivo está sujeito até a perder a planta durante o transplante. Não se trata de capricho ou atitude elitista, mas de uma necessidade. Acredito que a adoção do SEC por outros produtores é apenas uma questão de tempo”, diz Abtibol.

Consultores: Marcelo Novaes (produtor e paisagista), tel.: (19) 3296-4455; Moyses Abtibol (viveirista do Horto das Palmeiras), tel.: (21) 3427-6222; site: www.hortodaspalmeiras.com.br; Edwin Holman (engenheiro agrônomo da Oessa Consult), tel.: (19) 2802-1780; Diacuy de Mesquita Fialho Crema (vice-presidente da Apaflor), tel.: (41) 206-1901.